

EVOLUÇÃO DO CANCIONEIRO RURAL BRASILEIRO

EVOLUTION OF THE RURAL BRAZILIAN SONGBOOK

Fernando da Conceição¹

CONCEIÇÃO, F. da. Evolução do cancionero rural brasileiro. **Akrópolis** Umuarama, v. 21, n. 2, p. 99-110, jul./dez. 2013.

RESUMO: O período desta pesquisa se estende de 1929 ao ano 2000. O gênero, hoje, chamado Country sertanejo, é o preferido da classe média brasileira. O gênero foi perdendo a autenticidade de suas raízes, não só por força do desenvolvimento econômico e social, mas pelo uso de equipamentos de alta tecnologia e pelas novas formas de compor, harmonizar e interpretar que resultam sons e estilos novos de música, parecidos com a fonte original. Os grandes nomes da constelação country se tornaram grifes de roupas, acessórios e perfumes, são os artistas mais caros do país. Esta investigação procura produzir um estudo que abarque essa trajetória mutante.

PALAVRAS-CHAVE: Músico; Cancioneiro rural; Country sertanejo.

ABSTRACT: The period of this study extends from 1929 to 2000. Today the genre called Country *sertanejo* is the most favorite of the Brazilian middle class. The genre was losing the authenticity of its roots, not only by force of economic and social development, but by the use of high-tech equipment and new ways to compose, harmonize and interpret resulting sounds and new styles of music, similar to the original source. The big names of country became constellation brands of clothes, accessories and perfumes, are the most expensive artists in the country. This research aims to produce a comprehensive study involving this mutant trajectory.

KEYWORDS: Musician; Rural Songbook; Country backcountry.

¹Docente do curso de história da UNIPAR.

INTRODUÇÃO

As manifestações musicais, por mais tradicionais que sejam, estão em transformação permanente. Os gêneros musicais se desdobram por força da evolução urbana, econômica, cultural, tecnológica e ganham novas roupagens e denominações. A música caipira, hoje bastante alterada, é chamada de country sertanejo. O termo country sertanejo já era adotado desde o começo do século XX para os gêneros não urbanos. Impregnando-se de signos que a afastariam de suas origens, acaba por receber a atual denominação. A inter-relação entre os gêneros musicais torna difícil distinguir um rock de um brega, de um samba, de um sertanejo.

Hoje, todas as músicas, independentemente do gênero, usam computadores, guitarras e teclados eletrônicos. Com isso, passaram a disputar o mesmo público. As músicas sertanejas feitas por roqueiros acabaram engendrando um novo estilo: o pop-nejo. Doce mistério, cantada por Leandro e Leonardo é um bom exemplo (MASSON, 1998, p.140).

Doce mistério, interpretada pela dupla na trilha sonora da novela *O rei do gado*, de autoria de Luiz Chiavon, ex-tecladista do grupo RPM. Luiz, em reportagem de Veja, afirma que “há dez anos, seria impensável que um roqueiro tivesse uma de suas músicas gravadas por uma dupla sertaneja”.

EVOLUÇÃO DO CACIONEIRO RURAL BRASILEIRO

Discussões que procuram caracterizar o caipira e diferenciá-lo do sertanejo se assentam no fato de que os temas das letras são diferentes. Inezita Barroso tenta estabelecer diferenças.

[..]. aquela (a sertaneja) só canta sobre a vida no campo, incluindo histórias de bicho, chegando muitas vezes a ser fábula musicada (embora, acrescentamos, posso falar de “causos” ligados à região e de entreveros resultantes do contraste entre pessoas ou coisas caipiras e urbanas). Já a música sertaneja, feita na cidade, mais dramática e negativa, com perdições, traições, adultérios (Enciclopédia da Música Brasileira, 1998, p.545).

Vejamos, indistamente os termos sarta-

nejo e caipira. A música caipira de raiz tem como instrumento de solo e acompanhamento, a viola.

[...] semelhante ao violão, mas de menor tamanho, com cinco ou seis pares (ordens) de cordas metálicas dedilhadas, com afinação variável. Originária de Portugal, onde é conhecida em certas regiões como “Viola de arame”, a viola é característica da música sertaneja brasileira... (Dicionário Grove, 1994, p.996).

Segundo Almir Sater, a viola é um instrumento difícil de tocar, de afinações complexas. Os mais diferentes gêneros musicais podem ser acompanhados pela viola, caso do caruru no interior de São Paulo, ou a catira em Minas.

Gênero quase esquecido no atual momento comercial de nossa música teve larga preferência na área cultural caipira. O antropólogo Darcy Ribeiro atribuiu à formação caipira ao esgotamento radical do ouro na área de mineração de Minas Gerais. O Centro-Sul entra em estagnação e, no local, a população que se sedentarizou atingia níveis mínimos de satisfação de suas necessidades.

Acaba por esparramar-se, falando afinal a língua portuguesa, por toda a área florestal e campos naturais do Centro-Sul do país, desde São Paulo, Espírito Santo e estado do Rio de Janeiro, na costa, até Minas Gerais e Mato Grosso, estendendo-se ainda sobre áreas vizinhas do Paraná (RIBEIRO, 1996, p.383).

A música caipira, partiu do interior de São Paulo, tendo como celeiro de artistas as regiões de Araraquara, Piracicaba e Sorocaba, que demandaram à capital paulista para as primeiras gravações na década de 20. A moda de viola tem andamento lento, com versos mais falados que cantados, encaixados em melodias que se repetem. É cantada geralmente em duo de vozes terçadas e paralelas, herança da modinha portuguesa do século XVIII. A permanência das duplas e das vozes em terça é das poucas características ainda vivas na herdeira, hoje chamada country sertanejo.

Apesar do desinteresse das gravadoras, porque se restringe a segmento pequeno de público, a música caipira continua viva por quase todo o Brasil. Grandes violeiros continuam surgindo.

Almir Sater em 1989 deslumbrou os mú-

sicos americanos ao gravar seu disco *Rasta Bonito*. Renato Andrade (1932), Roberto Corrêa (1943) e Ivan Vilela (1949) são virtuosos desse instrumento primitivo e difícil de executar. Conservatórios musicais de muitas cidades do Brasil, como de Goiânia, Curitiba, São Paulo e Maringá, ensinam tocar tanto música erudita como caipira. A maioria dos violeiros sobrevive no interior à custa de shows e gravações efetuadas em selos pequenos como Movie Play, Paradox, Atrações, cujas vendas dificilmente alcançam dez mil cópias.

Os temas explorados pelo gênero caipira surgiram no contexto cultural interiorano. A caminhada tropeira propiciou ao gênero muita inspiração para centenas de composições: *O menino da porteira* (Teddy Vieira e Luizinho), *Os três boiadeiros* (Analecto Rosa Júnior), *O rei do gado* (Teddy Vieira, Luiz Bonam e Serafim Gomes), *Sina de violeiro* (Renato Teixeira), *Boi craúna* (domínio público), apenas para citar algumas.

Os rios também foram lembrados em modas violeiras – *Chalana* (Mário Zan e Arlindo Pinto), *Boiero Nobileque* (Almir Sater), referência ao rio Corumbá, *Casinha Branca* (Elpídio dos Santos), referência ao rio Paraná, *Tietê* (Cornélio Pires - 1912), *Rio Tietê* (João Pacífico e Passoca).

A figura do caipira, tratada como ignorante por Monteiro Lobato, quando escreveu *Urupês* em 1918, cujo personagem o Jeca Tatu ficou reduzido a um homem de cócoras, vai estereotipar o tipo, com reflexo imenso no sertanejo moderno que quer esquecer sua origem.

Chitãozinho e Xororó relutaram em aceitar os nomes escolhidos por acharem-no caipira demais. Moradores da periferia de São Paulo tocavam guitarra e tinham os cabelos compridos, rejeitavam o caipira até no nome.

Mesmo em um rápido retrospecto do gênero caipira, alguns nomes não podem ser omitidos pela importância histórica que tiveram na modalidade.

Cornélio Pires foi o maior divulgador da música caipira nas primeiras décadas do século XX. Intrigava-o o fato de os nordestinos fazerem sucesso no Rio e em São Paulo, com os *Turunas da Mauricéia* que gravaram em 1928, enquanto o gênero do interior de São Paulo era recusado pelas gravadoras. Cornélio Pires (1884–1958) de Tietê SP, dono de olaria, sempre freqüentou rodas de violeiros e espetáculos de declamadores. Entre 1910 e 1945, publicaram obras de

poesias, contos, pesquisas sobre música, linguagem e anedotas caipiras. Respeitado pelos intelectuais, encenou em 1910, na Universidade Mackenzie em São Paulo, um velório típico do interior paulista.

Desde 1914, fazia conferências divulgando a arte caipira e apresentando artistas sertanejos. Ao contrário de Lobato, ironizou o cidadão que se julgava mais inteligente que o caipira. O grã-fino era a vítima. O seu maior feito foi ter publicado o primeiro disco de música, anedotas e causos caipiras a despeito da recusa da gravadora em fazê-lo. *Então ele próprio pagou a prensagem dos discos, lançando a série caipira Cornélio Pires, com o número especial 20000 e um selo vermelho, também especial* (Enciclopédia da Música Brasileira, 1998, p.632).

As suas expensas mandou prensar 6 mil discos e ele mesmo os vendeu. O sucesso foi total. Passou a ser procurado pelas gravadoras para produzir outros discos. De 1929 a 1943, foram prensados pela Colúmbia outros 43 discos.

Cornélio Pires, na década de 30 fazia shows por todo o interior, patrocinado pelo guaraná Antártica. Todos os artistas do gênero queriam fazer parte da sua caravana. Raul Torres, Mariano e Caçula, e Paraguaçu, gravaram o gênero pela primeira vez para a série de Cornélio Pires. Pires produziu como independente até 1931, 49 discos, totalizando 98 gravações.

Outro expoente da música sertaneja foi o sobrinho de Cornélio Pires, *Ariovaldo Pires* (1907–1979), conhecido por Capitão Furtado. Foi secretário da gravadora Colúmbia em 1929, participou de programas de rádio, como a Rádio São Paulo e a Cruzeiro do Sul, foi coordenador artístico de filmes. De 1939 a 1956, apresentou o programa *Arraial da Curva Torta*, que revelou muitos artistas, dentre os quais Tonico e Tinoco, Blecaute e a apresentadora Hebe Camargo, que na época formava com sua irmã a dupla caipira Rosalinda e Florisbela. Ariovaldo Pires, com um microfone na mão, improvisava versos humorísticos e ganhava o público. Foi considerado o melhor apresentador de programas caipiras que o Brasil teve. Foi compositor, escritor de enquetes caipiras e rádio-ator. Fez a toada *Coração* (1929), com Marcelo Tupinambá, seu conterrâneo de Tietê SP.

O ponto alto da carreira do Capitão Furtado ocorreu quando, a partir de 1936, passou a apresentar-se no Rio de Janeiro com a dupla Alvarenga e Ranchinho. Compôs com a dupla, a

moda de viola *Itália e Abissínia*. Fato destacado de sua brilhante carreira ocorreu em 1937, quando gravou *Natal do Sertão* (Lucinha Guimarães, Vila Lobos e Luís Guimarães), com um coro de crianças que tinha entre seus membros Luís Bonfá e Lúcio Alves. Produziu a peça de teatro *O tesouro do sultão* em 1939, apresentada até em países vizinhos.

Orlando Silva gravou dele a valsa *E o vento levou*. Dirigiu a Rádio Excelsior e a Rádio Cultura de São Paulo. Trabalhou de 1963 a 1966, na Rádio Bandeirante de São Paulo. O seu programa, contratado pela Alpargatas, viajou, apresentando-se no interior em diversas emissoras. Foi coordenador da área de música sertaneja na primeira edição da Enciclopédia da Música Brasileira da Publifolha.

João Pacífico (1909-1998), natural de Guararema SP, compositor referência da música caipira, que traduziu o Brasil rural, bucólico, romântico, rude, de onde viera. Foi o introdutor da declamação antecedendo a canção. A música *Chico Mulato* foi a primeira gravada com declamação, interpretada por Torres e Pacífico. Pacífico fez uma sinopse da letra para ser declamada antes do canto, mas enfrentou dois tipos de resistência. A primeira foi que, com a declamação, não caberia no 78 rotações, e a segunda, de parte do diretor da gravadora Mr. Evans, que não acreditava na fórmula.

Os autores não arredaram pé de mantê-la como estava e o homem foi à fábrica pedir que se reduzisse a distância entre os sulcos para que Chico Mulato coubesse no disco. Quando a música começou a tocar no rádio, Mr. Evans chamou Pacífico para lhe pedir que fizesse outras mais, do mesmo tipo, “cantada e declamada”. Cabocla Teresa, de 1940, com a mesma fórmula, batizada de toada histórica, foi provavelmente o maior sucesso da dupla (BARROSO, 1999, p.241).

A sua obra é extensa e expressiva:

Pacífico compôs por volta de 300 músicas e foi gravado por cerca de mil intérpretes, entre eles Beth Carvalho, Inezita Barroso, Jair Rodrigues, Sérgio Reis, Rolando Boldrin e outros (SANTOS, Folha de São Paulo, 28 fev. 2001, p.E.8).

Entre os anos de 30 e 40, Pacífico e Torres fizeram com sucesso, inúmeras gravações,

No mourão da porteira (1942) e *Pingo d'água* (1944), foram os de maior sucesso. A letra de *Chorando baixinho*, gravação de Abel Ferreira, é de sua autoria. Boldrin o considerava o Noel Rosa da música caipira. No início do ano 2000, o ator Antônio Fagundes gravou o disco *Tributo a João Pacífico*. Atualmente, a vida e a obra de João Pacífico são temas de dois documentários em São Paulo, que estão em fase de captação de recursos.

Ari Barroso (1903–1964), na década de 30, também fez músicas de temática sertaneja que se tornaram clássicas, caso de *No rancho fundo* (com Lamartine Babo), *Por causa desta cabocla*, gravado por Sílvio Caldas. Em 1937, Lamartine Babo foi sucesso nacional com *Serra da Boa Esperança*; Heckel Tavares e Joracy Camargo haviam se consagrado em 1933, com a célebre *Guacyra*, lugarejo num pé de serra. *Saudades de Matão* estourou em 1938, gravada por Torres e Mariano. A autoria dessa música gerou discussão, mas Torres escreveu a letra.

A expansão do rádio na década de 30 ajudou a divulgar o gênero e aumentar a demanda no meio artístico, tal como aconteceu com a MPB em geral. O rádio revelou para o Brasil o maior apresentador do gênero, o Capitão Furta-do, sempre à frente de um programa, a quem já fizemos referências.

Jararaca e Ratinho vieram do nordeste para o Rio de Janeiro, em 1922, exibindo ritmos típicos como cocos, emboladas e baiões. Fizeram cerca de 300 gravações, sendo os maiores sucessos *Espingarda pá, pá, pá* (arranjo de Jararaca, tema folclórico), *Sapo no saco* (Jararaca), o choro *Saxofone por que choras?* (*Ratinho*) e o maior de todos os sucessos, a marchinha *Mamãe eu quero*, gravada por Jararaca na Odeon, em 1937. A marchinha *Mamãe eu quero*, de Jararaca e do maestro Vicente Paiva, se torna a mais famosa da MPB em todos os tempos. Ratinho era um excelente saxofonista, compôs muitos choros, enquanto Jararaca era um inigualável criador de letras absurdas. Jararaca foi um dos mais espetaculares comediantes do país.

Barroso (1999), nos conta:

A dupla começava suas apresentações com causos e piadas e sempre com improvisos fantásticos de Jararaca. ... No final dos anos 20, adorava (o público) diálogos como esse: - O cumpadri. Sabe que lá na minha cidade fizeram uma torre tão arta, mas tão arta, que tiveram que virá a ponta dela?

- *Pra que cumpadri?*
 - *Pra lua podê passá, porque tava enganchada!*
 - *O cumpadri! Na minha terra tem um trem tão ligeiro, tão ligeiro, que quando ocê entra nele já tem que comprá o bilhete de volta!*
 - *Que mentira cumpadri, trem ligeiro tem na minha terra! O sujeito brigou com o chefe da estação, foi dá um tapa nele e acertô no chefe da outra estação, distante 30 Km!* (BARROSO, 1999, p.252).

Alvarenga e Ranchinho, o primeiro mineiro e o segundo paulista, formaram a dupla em 1933 e se tornaram atores, humoristas e dupla de cantores do gênero caipira. O sucesso veio quando se mudaram para o Rio de Janeiro, juntamente com o Capitão Furtado em 1936, que apresentava programas na Rádio Nacional. Durante dez anos trabalharam em shows no Cassino da Urca. Nesses shows, revelaram-se extraordinários na arte de fazer sátiras muito cômicas. Criticavam as trapalhadas dos políticos, o casamento, o racionamento de gasolina, assuntos da atualidade.

Presos quatro vezes pelo Departamento de Imprensa e Propaganda no governo (Vargas), foram um dia chamados ao palácio por Alzira, filha dileta do “baixinho”- como era tratado pela dupla. Rodeado pelo seu Estado Maior, chefe do DIP e tudo o mais, o presidente lhes pediu que cantassem todo o repertório de sátiras ao seu governo. Encabulados, constrangidíssimos obedeceram. Ao final da apresentação, Vargas gargalhava. “Podem fazer o que quiserem ninguém mais vai incomodá-los”, decidiu. (BARROSO, 1999, p.289).

Itália e Abissínia (com Capitão Furtado) e o cateretê *Liga das Nações*, feitos em 1936, foram sucessos. Receberam o título de “*Millionários do Riso*”. Em 1940, lançaram o sucesso, *Romance de uma caveira* (com Chiquinho Sales). Fizeram paródias de músicas como *Disparada* (Vandré), *Adios Muchachos* (Júlio C. Sanders e César Vedani) e *Nervos de aço* (Lupicínio Rodrigues). Fizeram muito sucesso na televisão entre 1950 e 1963.

Raul Torres (1906 –1970), de Botucatu SP, é outro nome histórico de nossa música sertaneja. Em 1927, já trabalhava na Rádio Educadora (depois Gazeta) e depois em vários outros prefixos. Gravou 456 músicas entre 78 rotações

e 6 LPs. Muitos de seus sucessos compôs com João Pacífico. Muito bom para compor e cantar emboladas. *Pisei no rabo do tatu* (1933) e *Sururu no galinheiro* (1934), foram as mais conhecidas. Excursionou com o seu grupo pelo Paraguai em 1935, onde aprendeu a guarânia e o rasqueado paraguaio, é por isso, considerado o introdutor do gênero na MPB. Ganhou posição de estrela dividindo microfones com Noel Rosa, Sílvio Caldas, Lamartine Babo e outras expressões da década de 1930. A valsa *Saudades de Matão* tem a letra reconhecida como de sua autoria, mas gerou muitas discussões. Teve muitos parceiros com os quais gravou em dupla. Com Pacífico compunha e gravava. *Cabocla Teresa* e *Pingo d’água* foram as mais representativas da dupla. Gravou com o barretense Florêncio e também com Serrinha, seu sobrinho. Torres e Pacífico adaptaram do folclore mineiro *Moda da mula preta*, gravada com muito sucesso em 1948, por Torres e Pacífico. Outros grandes sucessos de Torres foram *Boi amarelinho*, *Meu cavalo zaino* e *Chico mulato*, todos em parceria com Pacífico.

Nas décadas de 1940 e 1950, com a crise do café, particularmente dolorosa em 1929 e muito sentida durante toda década de 30, acentuou a migração para as cidades. Cornélio Pires, Jararaca e Ratinho, Alvarenga e Ranchinho, Raul Torres e Pacífico, continuaram em plena atividade nas duas décadas, com o gênero sendo consumido nas cidades em larga escala. Uma sucessão de nomes e de sucessos vai acontecer nos anos que medeiam o século XX, cujos principais detalharemos.

Palmeira e Biá formaram dupla em 1952, atuaram durante oito anos e se consagraram em 1956 com *Boneca cobijada* (de Biá e Bolinha), além de *Nova flor* (Palmeira e Mário Zan), que se tornou trilha sonora da novela de Janete Clair, *Pecado Capital*. *Palmeira (Diogo Mulero 1918–1967)*, fez tanto sucesso com *Boneca cobijada* que recebeu o posto de diretor artístico da Chantecler.

José Fortuna (1923-1993) era o versionista mais famoso da música sertaneja, com os versos de *Índia* e de *Meu primeiro amor*, que lançaram *Cascatinha* e *Inhana* em 1955. *José Fortuna* foi um dos principais compositores de guarânia, sendo a mais famosa *Paineira velha*, que gravou em dupla com Zé do Fole, sanfoneiro, com quem fez dupla durante 25 anos.

Mário Zan (1920), italiano, é outro nome consagrado da época. Estudou acordeom e é

tido como o introdutor do instrumento no gênero. Mário Zan e o Capitão Furtado, em excursão pelo interior do Brasil, chegaram até Mato Grosso e daí atingiram o Paraguai, no ano de 1943. Em Corumbá, Mário Zan compôs o rasqueado *Chalana*. Tornaram-se amigos do presidente paraguaio e fizeram nessas andanças fluviais vários shows. Reivindicou a introdução do rasqueado na música brasileira, mas esta primazia foi sem dúvida de Raul Torres, que em sua obra registra *Rio Paraguai, Cavalo zaino, Viola fandangueira, Mineirinha, Morena linda*. Zan e Nhô Pai (1912-1988), também fizeram muitas guarânias como *Cidade do Mato Grosso, Ciriema do Mato Grosso, Orgulhosa e Iracema*. Mário Zan conheceu o verdadeiro sucesso ao gravar o dobrado *Quarto Centenário*, comemorativo ao aniversário da cidade de São Paulo, sucesso absoluto do ano de 1954.

A sanfona, muito comum no cancioneiro regional nordestino, se incorporou à viola nas modas caipiras. Despontam no sudeste-sul grandes sanfoneiros como Riellinho, Castelinho, Mário Zan, Pedro Raimundo (parceiro de Luís Gonzaga).

Em 1943, no programa do Capitão Furtado, surgiram os irmãos *Perez* que venceram um concurso. O Capitão mudou o nome da dupla para *Tonico e Tinoco*, que gravaram pela primeira vez em 1945, e emendaram uma sequência de sucessos que se estendeu por toda década de 1950. Os principais sucessos foram *Sertão do Laranjinha* (motivo popular adaptado pelo Capitão Furtado), *Canoeiro* (Zé Carreiro), *Cana verde* (autoria da dupla), *Chico mineiro* (com Francisco Ribeiro), principal sucesso da dupla.

Em 1946, vieram *Rei do gado* (Teddy Vieira) e *Boi de carro* (Anacleto Rosa Júnior). Em 1950, foi a vez de *Arrasta pé na tua* e *Baianinha* (ambas de autoria da dupla). A partir de 1949 e até a década de 60 (meados), fizeram o programa *Na beira da tua* pela Rádio Nacional do RJ, e na década de 70, pela Rádio Bandeirantes SP. Gravaram na década de 50, sucessos como *Chofer de caminhão* (Tonico e Ado Benatti), *Gaúcha alegre* (Tonico e Zé Carreiro), *Meu sertão* (Tonico e José Lopes). A partir de meados da década de 60, começaram a sofrer pressão das gravadoras para incluir guitarras elétricas e pararam de gravar. Tonico morreu em 1994. A obra da dupla atingiu 1400 músicas lançadas, 50 milhões de discos vendidos, 15 mil shows e 6 filmes.

Na década de 50 surgiu *Mazzaropi* (*Amácio Mazzaropi 1912-1981*), que no cinema personificou o tipo caipira em seus filmes e apresentou música popular, inclusive sertaneja. Na década de 60, gravou alguns discos com sucesso como *Amarela Nhá Carola* (Petit) e o xóti *O azar é a festa* (Ado Benatti e Zé do Rancho). *Elpídio dos Santos* compositor natural de São Luiz do Paraitinga, foi autor das músicas de 23 filmes, de um total de 32, que Mazzaropi produziu. Na década de 50, com a urbanização, o tipo caipira de chapéu de palha desfiada, botina, pernas emperradas e falar típico, já estavam em decadência.

A década de 50, marcada pelo avanço do rádio, da televisão e da popularização do disco como produto de consumo, foi muito boa para o gênero, agora chamado de sertanejo.

Bob Nelson (Nelson Perez), nascido em Campinas em 1918, é tido como o primeiro intérprete a fazer a ligação sertanejo-country. Em 1943, adotou o estilo que o caracterizou, apresentando-se como cover de Gene Autry e Roy Roger, cantando rancheiras. Em 1943, fez uma versão de *Oh! Suzana*, executando em falsete o famoso Tirole – iiiiii –tiii. Suas músicas fizeram muito sucesso, entre elas *O boi Barnabé* (com Afonso Simão), *Eu tiro o leite* (com Sebastião Lima).

A música em geral, na década de 50, foi influenciada pelo clima de otimismo econômico que se vivia, o qual permitiu o surgimento de várias gravadoras no Brasil, caso da Colúmbia, Continental, Todamérica (criada por Braguinha em 1950) e a Chantecler, criada em 1958.

Foram também inúmeros os nomes de destaque como Luizinho e Limeira, Palmeira e Biá, Irmãs Cavalcante, Venâncio e Corumba, Jacó e Jacozinho, Zé Tapera, Silveira e Barriinha, Leôncio e Leonel, Torrinha e Canhotinho, Zé Bétio, Zico e Zeca, Zilo e Zalo, Zé Carreiro e Carreirinho.

No fim da década de 50, foi nítida a influência das rancheiras mexicanas no mundo musical sertanejo. Pedro Vargas, Tito Martinez e outros astros mexicanos tiveram larga penetração. O gênero mariachi chegou ao auge na década de 70 com Milionário e José Rico. Os temas dramáticos e os chapelões foram adotados, não se incluindo apenas o pistom das rancheiras.

No final de 50, nessa mistura de México e

Paraguai, filmes de Roy Rogers, boleroes e emboadas, a velha moda de viola ainda era a base da música sertaneja. Todas aquelas influências entravam como ingredientes nesse caldo cada vez mais grosso, já com o sabor original alterado (BARROSO, 1999, p.148).

Na década de 50, grande destaque do gênero, já influenciado pelo caldo paraguaio, foi a dupla *Cascatinha e Inhana*, responsáveis pelo primeiro “boom” do mercado. As versões de Zé Fortuna para *Índia* e *Meu primeiro amor*, vendeu 500 mil cópias. *Noches del Paraguay* e *Recuerdos de Ypacaray* também venderam muito. Inhana tem sido considerada pelos críticos da MPB, uma das melhores cantoras brasileiras do século XX.

Compositor consagrado do período foi Teddy Vieira (1920–Buri SP), autor de mais de cem modas de viola como *O menino da porteira* (com Luizinho), *Arreio de Prata* (com Roque de Almeida e Mário Bernardino), *Rei do gado*, *Pretinho aleijado*, *Geada do Paraná*. Teddy Vieira foi um compositor que abordou temas sociais que envolveram gente humilde.

Inezita Barroso (1925, São Paulo SP), que ainda criança estudou piano e violão é uma grande divulgadora do gênero, pois mantém desde 1980 o programa *Viola, minha viola*, na TV Cultura de São Paulo. Trabalhou em vários prefixos de rádio, fez teatro e cinema como atriz, representou o Brasil em festivais internacionais de música. Tornou-se personalidade nacional em 1953, ao lançar seu primeiro disco em 78 rpm, com a faixa *Marvada Pinga*, de Laureano.

Os anos 60 marcam a modernização da música brasileira. Bossa nova, Tropicália e iê, iê, iê afluem em detrimento de gêneros tradicionais. O tema sertanejo também vai se alterando, o motel entra na cena romântica.

Tião Carreiro (1934–1993), natural de Montes Claros, Minas Gerais, destacou-se na década 60, apesar da decadência do gênero. Fez sucesso cantando com Pardinho (1932), com o qual tinha total incompatibilidade de gêneros. A dupla gravou vários discos na década de 60, e conseguiram vender a quantia de 100 mil cópias com a música *Rio de Lágrimas* (Piraci, Lourival dos Santos e Tião Carreiro), também conhecida por *Rio de Piracicaba*. Tião Carreiro é considerado um dos melhores tocadores de viola caipira que o Brasil já teve. Inventou um batidão

diferente na viola, de traz para frente, misturou ritmos de gêneros como o coco e o calango e deu o nome de pagode caipira. A música *Rio de Lágrimas* foi gravada por dezenas de intérpretes, sendo uma das mais cantadas no gênero.

Rolando Boldrin foi outro que se destacou na década de 70, apesar da decadência do gênero. Foi pioneiro em programas de televisão dedicados à música brasileira autêntica, de cunho regionalista. Apresentou durante vários anos os programas *Som Brasil* (TV Globo), *Empório Brasil* (TV Bandeirantes) e *Empório Brasileiro* (SBT). Participou de dezenas de novelas da extinta TV Tupi. Em seus programas de televisão, exigia que as atrações se apresentassem com vestimenta natural e cantassem apenas músicas de inspiração regional. Suas principais gravações, apesar de nunca atingirem grande vendagem mantêm fidelidade ao gênero: *O cantadô* (1974), *Êta mundo* (1976), *Longe de casa* (1978), *Rio abaixo* (1979) e alguns outros.

Em 1966, no II Festival da Música Popular Brasileira, Heraldo do Monte, guitarrista de renome, surpreendeu o público acompanhando com uma viola caipira de dez cordas, Geraldo Vandré e Théo de Barros, na música premiada, *Disparada*.

A juventude urbana dos anos 70 tinha preconceito em relação à viola. *Sérgio Reis*, de formação caipira, bom violeiro, é um exemplo. Chegou a gravar em 1967, *Coração de papel*, para competir com Roberto Carlos. Em 1973, fez sucesso com *Menino da Porteira* (Teddy Vieira e Luizinho) e depois com *João de Barro* (Teddy Vieira e Muíbo Cury) e acabou se fixando no gênero. Adotou o chapelão de vaqueiro, introduziu a gaita, flauta, violas coral e muito mais em suas gravações. É um dos modernizadores do gênero. Sua voz é diferente dos cantores do gênero, muito macia, não tem vibratos e agudos.

Léo Canhoto e *Robertinho* contribuíram para alterar as características do gênero. Misturaram trajes de boiadeiro com roqueiros, medalhões psicodélicos pendurados no peito, pulseiras, cabelos compridos. Exibiram motos nas capas dos discos e empunharam guitarra. Chegaram a gravar 15 LPs, quase todos na década de 70. Gravaram *Motorista de caminhão*, *Vou tomá um pingão*, e principalmente temas inspirados em banguês-banguês italianos. Da especialidade “dólar furado” são: *Jack o matador* e *O homem mau*.

Milionário e *José Rico*, introdutores do

México em nossa música caipira, gravaram nessa linha em 1975, o LP *Estrada da vida*, que vendeu 700 mil cópias. A música *Estrada da vida* é de José Rico, considerado pela crítica um grande cantor, possuidor de admirável falsete e vibrato natural.

Nas últimas duas décadas, ela foi deixando gradativamente de ser aquela música das modas de viola de Tonico e Tinoco conhecida como “caipira”- palavra, aliás, que os sertanejos detestam. O som anteriormente rústico foi incorporando em seus arranjos os sintetizadores. Os chapéus de palha de Jeca Tatu, as camisas xadrez que definiam o gênero “caipira” foram pouco a pouco sendo substituídos pelos ternos de grife ou pelas roupas de couro de vaqueiro texano (MASSOM E MEZZARROBA, 1998, p.128).

Apadrinhados pelo radialista Geraldo Meirelles, *Chitãozinho e Xororó* gravaram seu primeiro disco em 1970, com destaque para *Galopeira*, gravado pela Copacabana. Com uma série de gravações feitas na década de 70, ficaram razoavelmente conhecidas em todo Brasil. Os irmãos sempre pretenderam dar à música sertaneja o som da jovem guarda. Em 1982, lançaram o oitavo álbum, *Somos apaixonados*, que alterou a sorte da dupla, pois continha a faixa *Fio de cabelo*, que puxou a venda de um milhão de cópias.

A partir desse oitavo LP, Homero Bétio, filho do consagrado radialista Zé Bétio, passou a produzi-los e fez a carreira da dupla deslançar. Importaram dos EUA, equipamentos de som e luz cada vez mais potentes, sofisticaram o figurino e fizeram mega espetáculos sertanejos. Gravaram intensamente na década de noventa e suas produções atingiram sempre a marca milionária superior a um milhão de cópias vendidas. Gravaram até em espanhol com o nome de Jose Y Durval e injetaram prestígio e muito capital na carreira dos filhos de Xororó, Sandy e Júnior.

Desde 1991, Sandy & Júnior já venderam 10 milhões de discos. De duo infantil acaipirado, eles se transformaram em ídolos dos adolescentes brasileiros. Até o final de 2001, a gravadora Universal pretende lançar Sandy e Júnior no mercado mundial, cantando em inglês (MARTINS, 2000, p.142).

Apesar do baixo nível do gênero, povoado de composições simplórias, grandes músi-

cos se dedicaram ao manejo da viola caipira. Outros como *Renato Andrade* (Renato Rodrigues-1932), mineiro de Abaeté, embora tenha estudado violino, definiu-se pela viola caipira até para tocar obras de Johan Sebastião Bach. Em 1977, gravou *A fantástica viola de Renato Andrade na música armorial mineira*. Renato influenciou Almir Sater que, com 21 anos, fez dupla para gravar a coletânea *Renato Andrade e Almir Sater* (Continental, 1986).

Almir Sater, nascido em 1956, natural de Campo Grande MS, reabilitou junto ao grande público a viola caipira. Sustentou em suas composições os temas sertanejos e pontaneiros. Gravou seu primeiro disco em 1981, com a participação de Tião Carreiro. Pesquisou os costumes e as músicas do povo mato-grossense, especialmente do Pantanal. Em 1989, abriu o Free Jazz Festival. Gravou em Nashville, misturando o banjo americano com a viola caipira. Ganhou popularidade nacional ao participar da novela *Pantanal*, da Manchete. Participou logo depois de *Ana Raia* e *Zé Trovão*, outra novela da Manchete. A popularidade obtida através da televisão lhe permitiu gravar de 1990 a 1997, quatro CDs e diversas coleções. Em 1996, participou da novela *O rei do gado* da TV Globo, fazendo com muito sucesso o personagem *Pirilampo*. As músicas de Almir Sater misturam viola com violão de doze cordas, violinos e harpas paraguaias e as pegadas do blues, conseguindo chegar ao grande público com a viola. Uma de suas mais expressivas músicas é *O violeiro toca*. Gravou *Cabecinha no ombro* (Guarânia dos anos 50), *Chalana* (Mário Zan e Arlindo Pinto), *Estradeiro* (com Simões) e *Boiada* (com Renato Teixeira). Sater declarou que não faz músicas como as que ouvia no rádio, mas que tem influências do interior do Brasil

Renato Teixeira, nascido em 1945, natural de Santos SP, tem como música mais conhecida, *Romaria*, gravada em 1977, por Elis Regina. Em 1998, lançou com Pena Branca e Xavantinho o CD *Pena Branca e Xavantinho & Renato Teixeira* que ganhou o prêmio Sharp. Participaram do disco *Grandes Cantores Sertanejos* (Kuarup), ao lado de Sivuca (1950), Cida Moreira (1951), Geraldo Azevedo (1945) e outros. Suas músicas apesar de sertanejas têm recursos poéticos sofisticados. Gravou 16 discos entre LPs e CDs.

Sucesso de Renato Teixeira foi *Sina de Violeiro* (gravada por Sérgio Reis) e *Tocando*

em frente, em parceria com Almir Sater. Zé Ramalho (1949), que estava com a carreira quase paralisada (1996) foi surpreendido com o sucesso da música *Admirável gado novo*, que compôs na década de 70. Incluída como tema da novela *O rei do gado*, lançado em disco pela Som Livre, acabou por se constituir na trilha de novela mais vendida até hoje. “A música de Zé Ramalho é a locomotiva que puxa o enorme sucesso do disco da novela, recordista absoluto de trilhas sonoras no Brasil, com 1,7 milhão de cópias vendidas” (REVISTA VEJA, n.40, out. 1996, p.120).

Helena Meirelles, nascida em 1924, natural de Rio Pardo MS, morou em regiões fronteiriças aos Estados de Mato Grosso do Sul, trabalhando em retiros, cantando e tocando de graça, em troca de pouso e comida. Tocava até em zona do baixo meretrício, como em Dracena SP. Teve três maridos. Tendo se mudado de Aquidauana para Santo André, com o marido e um filho, lá se tornou popular com o pessoal do lugar que se reunia para ouvi-la tocar.

Um sobrinho músico gravou uma fita sua e esta foi parar, através de um amigo, na redação da revista *Guitar Player* nos EUA. A matéria elogiosa publicada pela revista propiciou-lhe a oportunidade de gravar pelo selo Eldorado. Gravou três CDs e vendeu 80 mil cópias, número muito bom para discos instrumentais. A revista *Guitar Player* a considera uma das melhores palhetas do mundo, como Jimmi Hendrix, B. B. King, Eric Clepton e outros de projeção mundial.

A maior parte do repertório que Helena toca até hoje ela aprendeu nos anos 30, com violeiros paraguaios, o irmão mais velho e um tio. Seus solos são espetaculares. Não se limitam a bordar sobre a viola caipira. Extraiu de suas cordas sons que lembram o canto dos pássaros, como o guaxo e a araponga (MASSON, 1994, p.118).

Nos anos 90, vão surgir duplas boas de vendagem que superam os modernizadores do gênero, Chitãozinho e Xororó.

Zezé Di Camargo e Luciano, goianos de Pirinópolis, formaram a dupla em 1988. Devido à dificuldade inicial que tinham para gravar ofereciam suas músicas para os cartazes do momento, como Chitãozinho e Xororó, Leandro e Leonardo e Sula Miranda. Em 1991, logo no primeiro LP, o Brasil cantou com eles *É o amor*. Em 1993, a dupla assinou contrato com a Sony e surgiram

em seqüência, outros sucessos como *Coração está em pedaços*, *Saudade bandida*, *Vem cuidar de mim* e *Salva meu coração*. A maior parte dos sucessos da dupla é de autoria do próprio Zezé Di Camargo que recebeu nos EUA o título de melhor compositor latino de 1996. Inovaram na coreografia de palco. Sem exibirem instrumentos, imitam os integrantes das bandas de rock e de axé, correndo no palco e executando evoluções e movimentos para arrebatá-lo público.

Dupla mineira premiada pela crítica categorizada do Brasil é *Penha Branca e Xavantinho*, naturais de Cruzeiro dos Peixotos, comarca de Uberlândia MG. Vieram para São Paulo em 1968, e conseguiram gravar apenas em 1980, depois que foram ouvidos em Aparecida, por um irmão de Renato Teixeira, que gostou da dupla. No primeiro LP, destaque para as faixas *Cio da terra* (Milton Nascimento e Chico Buarque) e *Velha morada*. *Cio da terra*, LP de 1987, com a participação de Milton Nascimento, Tavinho Moura e Marcus Viana, foi a maior vendagem, com 300 mil LPs. Em 1988 lançaram o LP *Canta Violeiro*, com a participação de Fagner, Tião Carreiro, Almir Sater, com destaque para a faixa *Mulheres da terra* (Xavantinho e Moniz).

Em 1990, ganharam o prêmio Sharp de melhor música, *Casa de barro* (Chavantinho e Moniz), melhor disco, *Cantadô do mundo afóra*, *Luar do Sertão* (João Pernambuco e Catulo da Paixão Cearense), *Pingo d'água*, *Tristeza do Jeca* (Angelino de Oliveira), *Flor do cafezal* (Luiz Carlos Paraná), foram sucessos regravados na década de 90 pela dupla. Xavantinho sofreu um acidente de carro em 1982, o que o levou alguns anos depois, a se locomover numa cadeira de rodas, e a ter uma saúde precária. Morreu em outubro de 1999. A crítica os valorizou por terem feito a ponte entre o sertanejo e o urbano sem deteriorar o gênero, cantando em terças, obras dos melhores valores da MPB.

João Paulo e Daniel, dupla formada em 1981 em São Paulo, gravou sem sucesso desde 1985, mas só em 1994 se projetou com o CD que levou o nome da dupla, incluindo *Dia de visita* (Moacir Franco), *Cuida de mim* (Edinho da Mota e Silmara Perini), que conquistou disco de ouro e de platina. Em 1996 saiu o sétimo álbum da dupla, que puxado por *Estou apaixonado*, vendeu 700 mil discos. No mesmo ano lançou *Os 14 maiores sucessos de João Paulo e Daniel* e vendeu 500 mil cópias. Em 1997, gravou o volume 8, de João Paulo e Daniel e, no mês de

setembro, o cantor João Paulo morreu quando sua BMW capotou entre São Paulo e Brotas.

Em menos de 30 dias o CD vendeu 230 mil cópias; o mesmo CD que levou cinco meses para vender 350 mil cópias. O sucesso póstumo sempre ocorre quando morre uma estrela, especialmente porque a mídia e as gravadoras exploram esse comportamento (MASSON, 1997, p.155).

A dupla *Leandro e Leonardo* foi constituída em 1983. O sucesso veio com o LP, Leandro e Leonardo volume 3, com a faixa *Entre tapas e beijos* (Nilton Lemos e Antônio Bueno), que vendeu um milhão de cópias. O LP seguinte *Pense em mim*, puxado pela faixa do mesmo nome, dos compositores Douglas Maio, Zé Ribeiro e Mário Soares, vendeu 2,5 milhões de exemplares. O sucesso não parou mais até que Leandro faleceu em São Paulo em junho de 1998, vítima de câncer. O CD lançado dois meses antes do seu falecimento vendeu 3 milhões de cópias.

Em Goiânia, onde foi sepultado, o corpo de Leandro foi levado ao cemitério por um cortejo de 150 mil pessoas. Estima-se que 60 mil delas passaram em frente do caixão do cantor durante o velório em Goiânia. (MASSON; MEZZAROBBA, 1998, p.126).

Os remanescentes Daniel e Leonardo são produzidos pelas gravadoras às quais se vinculam para serem os substitutos de Roberto Carlos. Apresentam-se no Olímpia, local das magnas atrações e adotam o estilo mauricinho. Oscilam entre o sertanejo country e o popular romântico. Limitadíssimos como intérpretes, mesmo assim são dos cartazes mais caros da MPB, na atualidade. Os astros são marcas comerciais. Têm grifes de roupas, acessórios e perfumes. Chitãozinho e Xororó, Leonardo, Zezé Di Camargo e Luciano, constituem os grandes sucessos da música sertaneja no momento.

Em reportagem publicada na revista *Veja* (nov. 2000), esta avalia o sucesso comercial do gênero.

Hoje, além de lotar casas de espetáculos chiques, os artistas que nasceram nesse filão respondem por 15% do mercado fonográfico nacional. Em dez anos de carreira, Zezé Di Camargo e Luciano já venderam 17 milhões de discos. Leandro e Leonardo deixaram a indústria de olhos arregalados em 1991, ao

vender perto de 3 milhões de unidades do CD que leva o nome da dupla e contém a inesquecível *Pense em mim...* Leonardo saboreou a façanha de ser o maior vendedor de discos do país em 1999 – seus dois lançamentos, *Tempo* e *Ao vivo*, bateram nos 2,8 milhões de cópias. Os três últimos trabalhos do rapaz (Daniel) atingiram a marca de 1,85 milhões de discos vendidos (MARTINS, 2000, p.118).

Elementos tradicionais que permanecem vivos nos temas tratados pela música sertaneja são o boi e o peão. Isso se deve aos rodeios que são realizados em quase todas as cidades do país. A primeira festa de Barretos, de 1955, estimulou o surgimento de outras.

Gilberto e Gilmar, Christian e Ralf, Rick e Renner, Bruno e Marrone, Felipe e Falcão, Clayton e Camargo, Ataíde e Alexandre, César e Paulinho, Milionário e José Rico, Gian e Giovani, são presenças constante nos palcos de rodeio, do seleta clube da primeira divisão do country.

Hoje em dia os rodeios são responsáveis pelos maiores shows do Brasil. São 1200 eventos desse tipo por ano e, destes, 600 têm shows musicais. Somados, juntam um público maior do que o total do campeonato brasileiro. Nos maiores shows de rodeio, o público chega a 80 mil pessoas (MARTINS, 1998, p.117).

O professor que pretenda introduzir músicas sertanejas à audição do aluno, deve estar atento para o palavrório chulo das canções. César e Paulinho detêm um dos maiores sucessos da arena, o “hit” *Pé de bode* (Praense e Done Feiria) que usa expressões como “*puta que pariu*”, “*vamos tudo pro sacco*” e outras, de “artísticos” versos. Na música caipira de raiz a mulher era tratada de forma respeitosa, na de hoje é um tal de “amassa mamão”. “Um tapinha não dói”, expressão funk é muito menos ofensiva à mulher e muito mais condenada.

Apesar do desprezo à riqueza da música sertaneja, os que experimentam a volta ao estilo caipira têm-se dado bem. Sérgio Reis, recentemente, gravou com sucesso o disco *Marcando Estrada*. Chitãozinho e Xororó se deram bem ao lançar música caipira no CD *Clássicos Sertanejos*.

[...] que em duas semanas já vendeu 700 mil cópias, chama atenção por seu repertório

brasileiro até a medula – de primeira. Estão ali, Luar do sertão, Asa branca, Tristeza do Jeca, Cabocla Teresa e mais uma dezena de canções que fazem juz a palavra clássicos (MARTINS, 1996, p.102).

Um disco desse que incluiu acordeom, teve a participação de Sérgio Reis, Ney Mato Grosso e Simone, deve ser submetido à escuta do aluno. Esse disco possibilita à nova geração entrar em contato com aquilo que de melhor os mestres da moda de viola produziram, caso de Athos Campos, Raul Torres, Angelino de Oliveira e Serrinha.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. et al. **Teoria da cultura de massa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. 340 p.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte / Secretaria da Educação Fundamental**. 2. ed. Rio de Janeiro: Do & A, 2000, v. 6.
- DICIONÁRIO Grove de música. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. 1048 p.
- D'EUGÊNIO, M.; F. N.; AMARAL M. C. Linguagem e canção: uma proposta para o ensino de História. São Paulo: **Rev. Brasileira de História**, v.7, p. 177-188, set. 86/fev. 87.
- ENCICLOPÉDIA, música brasileira. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 1998. 887 p.
- FARO, F.; BOTEZELLI, J. C.; PELÃO, A. P. **A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes**. São Paulo: Sesc, 2000. v. 1.
- _____. **A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes**. São Paulo: Sesc, 2000, v. 2.
- FERNANDES, J. N. Aceitação ou rejeição: educação musical na escola pública. **Revista Linhas Críticas**, Brasília: UNB, v. 6, n.10, p. 81- 93, jan./jul. 2000.
- IBIÚNA, L. Do muro para a pista. **Revista Veja**, São Paulo, v. 28, n. 23, jun. p. 150, 1995.
- LEI diretrizes e bases da educação nacional. São Paulo: Saraiva, 1997.
- MARTINS, S. Clássicos sertanejos. **Revista Veja**, São Paulo, v. 29, n. 34, p.102,1996.
- _____. O rodeio é sertanejo. **Revista Veja**, São Paulo, v. 29, n. 35, p. 117, jul. 1998.
- _____. Sertanejo é campeão de vendas. **Revista Veja**, São Paulo, v. 33, n. 48, p.118, nov. 2000.
- _____. Reino eletrônico. **Revista Veja**, São Paulo, v. 30, n. 20, p.137, maio, 1997.
- _____. Morte de João Paulo ajuda a vender. **Revista Veja**, São Paulo, v. 30, n. 41, out. p. 155, 1997.
- _____. Raspa do tacho. **Revista Veja**, São Paulo, v. 31, n. 0, p. 145, abr. 1998.
- _____. Roqueiro de gibão. **Revista Veja**, São Paulo, v. 29, n. 30, p.140, ago. 1998.
- MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. da. **Currículo, cultura e sociedade**. 2. ed. São Paulo: Cortez. 1995.
- NEPOMUCENO, R. **Música caipira, da roça ao rodeio**. São Paulo: Ed. 34, 1999. 440 p.
- RIBEIRO, D. **O povo brasileiro, a formação e o sentido do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Schwarcz, 1996. 476 p.
- SCHUKER, Roy. Vocabulário de música pop. São Paulo: Hedra,1999. 328 p.
- SEVERIANO, J.; MELLO, Z. H. de. **A canção no tempo, 85 anos de músicas brasileiras (1901-1957)**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 1998. v.1.
- _____. **A canção no tempo, 85 anos de música brasileira (1958-1985)**. São Paulo: Ed. 34, 1998. v. 2.
- TINHORÃO, J. R. **História social da música popular brasileira**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 1999. 368 p.

EVOLUCIÓN DEL CANCIONERO RURAL BRASILEÑO

RESUMEN: El período de esta investigación se extiende de 1929 a 2000. El género, hoy, llamado Country saltanejo, es el preferido de la clase media brasileña. El género fue perdiendo la autenticidad de sus raíces, no sólo por fuerza del desarrollo económico y social, sino por el uso de equipamientos de alta tecnología y por las nuevas formas de componer, armonizar e interpretar lo que resultan en sonidos y nuevos estilos de música, parecidos con la fuente original. Los grandes nombres de la constelación country se hicieron en grifes de ropas, accesorios y perfumes, son los artistas más caros del país. Esta investigación ha buscado producir un estudio que abarque esa trayectoria mutante.

PALABRAS CLAVE: Música; Cancionero rural; Country saltanejo.